

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

CLÁUDIA LAGO e SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

Diretoras da revista

FÁBIO PEREIRA

Editor Executivo

O jornalismo é uma prática sociodiscursiva (Ringoot e Utard, 2005). Instância de construção social da realidade, o jornalismo se utiliza do discurso como um recurso para produzir *efeitos de real* no mundo social. Mas o próprio jornalismo é também uma construção discursiva, prática situada no interstício de várias formações discursivas.

Este pode ser considerado um dos pressupostos desta edição da *Brazilian Journalism Research*. Os 13 artigos que integram este segundo número de 2015 trabalham a partir de análises semiológicas, discursivas, narratológicas ou de conteúdo a materialidade do texto jornalístico, o seu discurso.

Os discursos do jornalismo do qual tratamos aqui ultrapassam, portanto, o escopo formal das metodologias de Análise do Discurso e Análise do Discurso Crítica. Falamos da dimensão simbólica do mundo social, da relação entre “as palavras e as coisas”, fazendo referência à obra clássica de Michel Foucault (1966), e que dá origem à própria formação discursiva do jornalismo, marcada por uma heterogeneidade constitutiva, por uma diversidade de objetos, práticas, enunciados.

Mas quais seriam as marcas do discurso do/sobre o jornalismo? A pergunta, que atravessa toda esta edição (e boa parte das pesquisas sobre o jornalismo) é proposta ainda no primeiro artigo: ‘O jornalismo como crença verdadeira justificada’, escrito por Sílvia Lisboa e Marcia Benetti, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para discutirem essa questão de um ponto de vista epistemológico, as autoras vão buscar na filosofia a noção da verdade – tão cara ao discurso jornalístico – para situá-la como uma espécie de instância fundadora dessa prática. Assim, “o jornalismo se torna conhecimento quando se constrói como um testemunho verossímil da realidade, baseando sua produção noticiosa em métodos e processos que tentam reduzir o erro e os relatos falsos”.

Essa inferência, que se aproxima do senso comum, na realidade, faz referência a um tipo de retórica que é frequentemente articulada como forma de caracterizar o jornalismo e distingui-lo de outras práticas sociais. Mais do que um componente essencial do jornalismo, o discurso da verdade justificada é um componente importante do processo sócio-histórico de construção dessa prática e costuma ser evocado em momentos de crises, de ameaças, de críticas, de mudanças... Ao longo desta edição da *BJR*, ele será retomado na construção de argumentos – de cunho retórico, científico ou normativo – utilizados pelos jornalistas e pelos próprios autores para produzir distinções entre o “bom” e o “mau” jornalismo, entre os “profissionais” e os “amadores”, entre o “jornalismo” e a “literatura”, entre a “realidade” e a “ficção”.

Dois trabalhos ilustram essa perspectiva a partir de um olhar mais diacrônico. Para eles, os discursos do jornalismo consistem na matéria prima para entender as suas próprias mudanças e permanências. Em ‘Fotojornalismo na imprensa de Belém: 1900–1950’, Netília Silva dos Anjos Seixas e Thaís Christina Coelho Siqueira, da Universidade Federal do Pará, mostram como a partir da primeira metade do século passado os jornais da capital paraense aumentaram progressivamente o espaço dedicado à publicação de imagens, incorporando a prática do fotojornalismo à produção jornalística. Já o artigo seguinte, ‘As narrativas de João da Filmadora’, de Míriam Cristina Carlos Silva, Universidade de Sorocaba, explora o processo de inovação do jornalismo nas relações que ele estabelece com outros universos sociodiscursivos – no caso as narrativas tradicionais do interior do Brasil. Essas trocas se materializam pela livre apropriação das convenções do jornalismo por outros atores sociais (o uso da câmera filmadora pelo personagem que dá título ao artigo, suas incursões em atividades de apuração), ao mesmo tempo em que se produzem tensões no interior desse espaço, sobretudo na relação entre “realidade” e “ficção” entre práticas “amadoras” e “profissionais”.

O discurso sobre a verdade é, portanto, uma marca identitária do jornalismo que permite situar o lugar de fala da imprensa tradicional em contraposição às narrativas “míticas” do João da Filmadora. Essa mesma tensão fundadora é retomada nos dois artigos seguintes: ‘Precisão e independência nas coberturas jornalísticas de eventos climáticos extremos na Amazônia’, de Allan Soljenítsin Rodrigues da Universidade Federal do

Amazonas e Grace Soares Costa da Faculdade Martha Falcão e 'O Escândalo Político como experiência narrativa', de Hélder Prior das universidades de Brasília e da Beira Interior. O primeiro trabalho analisou a veracidade e a precisão na cobertura sobre as secas na Amazônia entre 2005 e 2010. Após uma rigorosa análise de conteúdo, os autores concluíram que a precisão ficou em segundo plano em uma cobertura que privilegiou "os dramas e as ações governamentais negligenciando informações sobre suas causas, fundamentais para uma reflexão sobre a prevenção de impactos futuros". Já a leitura que Hélder Prior faz do escândalo político parte de um ponto de vista distinto – a ideia do jornalismo como uma narrativa e que opera uma reconstrução seletiva da realidade – para chegar a uma conclusão semelhante. Em sua proposta, o autor termina por situar o escândalo político, na forma como ele é midiaticizado atualmente, como "um acontecimento eminentemente dramático" e que combina as técnicas jornalísticas com as técnicas do universo ficcional na produção de suas narrativas.

Dois artigos trabalham a forma como as narrativas jornalísticas representam a questão do sofrimento. 'Corpo sofredor: tensões narrativas e política das imagens no fotojornalismo', de Angie Gomes Biondi, da Universidade Tuiuti do Paraná e Ângela Cristina Salgueiro Marques da Universidade Federal de Minas Gerais, mostra que a publicação do rosto e do corpo das mulheres em primeiro plano em fotografias jornalísticas "revela uma ruptura com estereótipos ou com enquadramentos redutores do agenciamento subjetivo", constituindo-se em indícios de resistência "às formas de vida prontas, ao apagamento e desaparecimento dos sujeitos em narrativas que apenas 'encaixam' os indivíduos em molduras discursivas previamente arquitetadas". Já 'Narrativas de sofrimento no jornalismo impresso: a construção de cenas e o lugar dos sujeitos', de Danila Gentil Rodriguez Cal e Leandro Rodrigues Lage, das Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade da Amazônia, opera uma análise das estratégias narrativas mobilizadas pelo jornalismo impresso para constituir e retratar cenas de sofrimento ligadas ao trabalho infantil doméstico. Ao fazer uso da "linguagem da piedade" essas narrativas "trazem repercussões decisivas para a configuração (ou não) do trabalho infantil doméstico como um problema político no Brasil".

A última parte desta edição traz uma sequência de artigos que tratam de objetos fronteiriços da pesquisa em jornalismo, ligados à apropriação das tecnologias digitais, à prática e ao discurso jornalístico.

‘Análise de Níveis de Tensão em Telejornais baseada em uma Abordagem Multimodal para Reconhecimento Automático de Emoções’, artigo de autoria de Moisés Henrique Ramos Pereira, Flávio Luis Cardeal Pádua e Giani David Silva, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, propõe inovar do ponto de vista metodológico ao apresentar um modelo multimodal de análise semi-discursiva de telejornais operacionalizado por meio de técnicas computacionais para a determinação automática de níveis de tensão nos vídeos desses programas. Por meio de uma análise das modulações da fala e a expressividade facial dos repórteres e locutores seria possível obter “indícios sobre a tensão do discurso gerado pela enunciação da respectiva reportagem e o padrão no sequenciamento das notícias informadas nas instâncias de produção desses objetos informacionais”.

Dois textos mostram como inovações ligadas à convergência transmídia podem ocasionar reconfigurações no papel do jornalista e nas relações que ele estabelece com outros atores sociais. No primeiro, ‘Convergência e narrativa transmídia no jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais’, Elaine Martins, da Universidade Federal do Pará, debate as implicações identitárias do acúmulo de tarefas pelos jornalistas que atuam em redações “convergentes”. Já Geane Carvalho Alzamora, Vitória Barros e Jéssica Malta, da Universidade Federal de Minas Gerais, autoras do artigo ‘A narrativa transmídia de *iReport for CNN* acerca dos protestos brasileiros em 2013’, discutem os tensionamentos identitários provocados pela prática do jornalismo participativo e concluem que, nesse cenário, “a mediação jornalística, longe de se enfraquecer diante desses desafios, parece se fortalecer”.

A participação das audiências no jornalismo é retomada no estudo de Kati Eliana Caetano da Universidade Tuiuti do Paraná: ‘O espaço dilatado da opinião pública no contexto do jornalismo em multiplataformas: de seus porta-vozes aos atores discursivos’. A autora mostra que, num ambiente digital, o processo de ampliação do debate público não se restringe apenas ao conteúdo dos sites jornalísticos mas se efetiva no diálogo

entre esses materiais informativos e outros meios e discursos – como áudio, imagem, audiovisual, infográficos, documentários, *newsgames*. Nesse modelo as trocas informativas se alternam “entre construções de maior densidade argumentativa e outras, variáveis, que vão de meras adesões ou recusas a formulações passionais”. A autora aponta para um duplo processo: o de reivindicação (ainda que parcial) do papel do jornalismo como esfera de mediação do debate público; e o de complexificação da narrativa jornalística pela incorporação de outros atores, formatos e linguagens.

Em um estudo sobre as infografias multimídia dos jornais *Clarín.com* e *Folha de São Paulo*, Walter Teixeira Lima Junior, da Universidade Metodista de São Paulo, e Eduardo Fernando Uliana Barboza, Universidade do Estado de Mato Grosso, mostram o relativo atraso no processo de integração de novas tecnologias à produção jornalística, sobretudo pela dificuldade de se constituir equipes multidisciplinares nas redações. Para mudar esse cenário, os autores advogam o uso na produção de reportagens e infográficos multimídia do HTML5, linguagem de marcação de hipertextos mais utilizada na Internet, presente em diversos produtos multimidiáticos da indústria do entretenimento.

Fecha esta edição o artigo que traz uma comparação internacional – ‘O jornalismo de “dados”, uma prática de investigação? Um olhar sobre os casos alemão e grego’, de autoria de Juliette Charbonneaux, do CELSA Paris-Sorbonne, e Pergia Gkouskou-Giannakou, da Universidade Blaise Pascal. Por meio de uma análise semiótica dos discursos sobre o jornalismo de “dados” as autoras mostram como essa nova prática se situa em uma relação de continuidade com o jornalismo investigativo, ao mesmo tempo em que recorre a um conjunto de “novos” discursos, originários da cultura digital e do movimento de *open data* para se legitimar. Nesse sentido, os ideais de “transparência” e “objetividade” do jornalismo são rearticulados e ressignificados como parte de um processo de afirmação do jornalismo de “dados” na Alemanha e na Grécia. Mesmo fazendo referência a outros contextos nacionais, o artigo contribui para a compreensão das dinâmicas de renovação do jornalismo e de gestão discursiva desse espaço por meio de lógicas de aproximação/distinção com grupos e práticas concorrentes/vizinhas.

Nesta edição, a BJR dá continuidade à sua proposta de se

constituir como espaço de discussão capaz de refletir a diversidade de objetos e as abordagens teórico-metodológicas dos estudos em jornalismo no Brasil, ao mesmo tempo em que amplia sua abertura à produção científica internacional. Esperamos que nossos leitores apreciem este trabalho!

Cláudia Lago, Sonia Virgínia Moreira e Fábio Pereira

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1966.

RINGOOT, R. & UTARD, J.-M. Genres journalistiques et “dispersion” du journalisme. In: RINGOOT, R. e UTARD, J.-M. (Orgs.). **Le journalisme en invention. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs**. Rennes : PUF, 2005 pp. 21-47.